

À G.:D.:G.:A.:D.:U.:



**ARLS Solidariedade e Progresso N^o. 3078
R.E.A.A.**

Loja de Estudos Pesquisas

Sessões Mensais na 1^a. segunda-feira do mês às 20:00 hs

Fundada em 15 de Julho de 1997

Jurisdicionada ao GOSP e Federada ao GOB

Avenida Ricardo Medina Filho, no. 577 CEP 05057-100

Oriente de São Paulo – Capital

Fone: (11) 3645.2158 Email: sbjmolay@iq.com.br

A Bucha: Uma sociedade secreta brasileira.

Pesquisa e Organização de Gilberto CM Lopes

Oriente de São Paulo, 3 de Setembro de 2007

Conteúdo

Conteúdo	2
A Bucha: Uma sociedade secreta brasileira	3
Introdução	3
1730/70 – Iluminismo	3
1772 - Independência dos EUA.....	3
1776 - A Ordem dos Iluminados de Weishaupt	4
1789/99 Revolução Francesa.....	5
1792 - Inconfidência Mineira	6
1815 - A Alemanha e as Deutsche Burschenschaft.....	6
1827 - O Brasil e a Fundação da Faculdade de Direito	7
1830 - Líbero Badaró	7
1831 - O mito e a lenda sobre o Professor Julius Frank	8
1834 – Uma data provável para a fundação da Bucha	9
1841 – Morre Julius Frank.....	10
1850 - A Bucha e a Maçonaria	10
As ligações e orientações da Bucha.....	10
1889 – A Proclamação da República	12
1903 - Fundação do XI de Agosto	13
1917 – A Liga Nacionalista.....	13
1919 - O início do “racha” dentro da sociedade secreta mais poderosa do Brasil	14
1923/26 - Partido Democrático.....	16
1930 - Golpe de Estado de Vargas	16
2007 - Conclusão ... E a Bucha, ainda existe ?	17
Sobre o Organizador	18
Bibliografia	19

A Bucha: Uma sociedade secreta brasileira.

Pesquisa e Organização: Ir.: Gilberto CM Lopes, M.:M.:

Introdução

Quando o assunto é sociedades secretas, tanto no âmbito profano como no de iniciados, surge um grande interesse e curiosidade. Afinal, se é secreto deve ser escondido e se é escondido deve ser proibido e assim por diante !

Após a publicação dos livros “O Código Da Vinci” e o seu anterior menos lido mas não menos interessante “Anjos e Demônios” do autor Dan Brown, voltou a existir um forte interesse por sociedades secretas ou pelo menos “semi-secretas” como a “Phi-Beta-Kappa”, a Skull & Bones da Yale University, o Prioré du Sion, Ordem dos Iluminados da Baviera, Bilderberg Group, Illuminatti, etc...

No entanto um ponto fundamental decorre logo de início: se é secreto como podemos conhecê-la pois se assim o fosse somente aqueles diretamente ligados a tal sociedade ou ordem poderiam ter seu conhecimento e por sua vez ficaria esse conhecimento restrito a esse círculo.

Por isso mesmo é tão difícil provar ou comprovar “verdades absolutas históricas” quando falamos de sociedades secretas e vamos portanto, a par de farto material bibliográfico encontrado, pensar que o veremos a seguir trata-se de “especulação histórica” baseada em alguns documentos e indícios deixados pelo tempo.

Nada no Universo acontece por acaso costumamos dizer entre irmãos e iniciados, por isso, antes de falar da “Bucha” propriamente dita precisamos avaliar e esclarecer algumas conexões entre diversos assuntos.

1730/70 – Iluminismo

Toda nossa história começa com um movimento que abalou as estruturas do Mundo e abala até hoje... o Iluminismo.

O Iluminismo ou esclarecimento (em alemão Aufklärung, em inglês enlightenment), foi um movimento e uma revolta ao mesmo tempo intelectual surgido na segunda metade do século XVIII (o chamado "século das luzes") que enfatizava a razão e a ciência como formas de explicar o universo. Foi um dos movimentos impulsionadores do capitalismo e da sociedade moderna. Foi um movimento que obteve grande dinâmica nos países protestantes e lenta porém gradual influência nos países católicos.

Podemos apontar como alguns de seus principais nomes: John Locke e Edward Gibbon na Inglaterra, Thomas Jefferson e Benjamin Franklin nos Eua, Marques de Pombal em Portugal, Adam Smith e David Hume na Escócia, Immanuel Kant, Moses Mendelssohn e Gotthold Ephraim Lessing na Alemanha e na Prússia além de Voltaire na França.

1772 - Independência dos EUA

Pela primeira vez na História da expansão européia, uma colônia tornava-se independente por meio de um ato revolucionário.

E fazia-o não só proclamando ao mundo, no documento histórico aprovado no 4 de Julho, o direito à independência e à livre escolha de cada povo e de cada pessoa ("o direito à vida, à liberdade e à procura da felicidade" é definido como

inalienável e de origem divina), mas ainda construindo uma federação de estados dotados de uma grande autonomia e aprovando uma constituição política (a primeira da História mundial) onde se consignavam os direitos individuais dos cidadãos, se definiam os limites dos poderes dos diversos estados e do governo federal, e se estabelecia um sistema de equilíbrio entre os poderes legislativo, judiciário e executivo de modo a impedir a supremacia de qualquer deles, além de outras disposições inovadoras.

O sucesso norte-americano foi descrito como tendo influenciado a Revolução Francesa (1789) e as subsequentes revoluções na Europa e América do Sul.

1776 - A Ordem dos Iluminados de Weishaupt

A Ordem dos Iluminados foi criada na Baviera por um antigo aluno dos jesuítas, professor de Direito Canônico na Universidade de Ingustadt, Adam Weishaupt. Referindo-se Weishaupt e à Ordem dos Iluminados, dizia Sorel:

"As aspirações da Franco-Maçonaria pareciam a ele muito vagas e suas lojas muito independentes. Propôs uma doutrina mais simples e coerente, mas que era francamente revolucionária em seus princípios; era fundada nos direitos naturais e imprescreptíveis de liberdade e igualdade. Desde que a sociedade interferia com o exercício destes direitos, era um obstáculo à perfectibilidade humana; a propriedade individual era arbitrária e abusiva; as leis civis e religiosas eram ataques aos primitivos direitos do homem. Os Iluminados não propunham o uso da violência ou pressa na aplicação de seus princípios. Acreditavam que métodos de infiltração eram preferíveis à tentativa de convulsionar a cidadela pela força. Não sendo capazes de destruir a máquina social, pensaram ser oportuno instalarem-se dentro dela. Candidatavam-se a cargos e exibiram notável capacidade de obtê-los. Estes regeneradores do mundo eram também políticos muito hábeis; em seus cenáculos eram mestres consumados de intriga. Podiam ser encontrados em toda parte, arranjando empregos para si mesmos, excedendo em astúcia príncipes e ministros iluminados. Moderaram sua linguagem, introduziram reserva mental no seu ensino, e falaram menos de tiranos e mais de governantes democráticos. A maioria dos estadistas e diplomatas das cortes eram afiliados à seita. Eles até incluíram padres católicos."

Outra Ordem dos Iluminados existia na França, os Iluminados de Avignon, criados por José Pernety, beneditino francês, que largara a batina por não conseguir reformar a sua Congregação. Influenciado pelo iluminismo alemão, instalaria uma loja iluminista em Montpellier, "na época um foco irradiador das novas idéias que tomavam conta do mundo".

Em Montpellier existiam também diversas lojas maçônicas. Em uma delas se iniciou José Joaquim da Maia. Domingos Vidal Barbosa e José Mariano Leal teriam também feito ali suas iniciações. Além destes, o criador de uma Sociedade Secreta em Pernambuco, o Areópago de Itambé, Dr. Arruda Câmara, também cursara Montpellier.

É interessante notar as ligações entre a Ordem dos Iluminados com a Maçonaria.

Weishaupt, como afirmam Morivalde Calvet Fagundes, Oncken e Heick, Jean Palou, Pinchon, entre outros, teria ligado a Ordem dos Iluminados à Maçonaria. Segundo alguns, Weishaupt teria ligado os Iluminados à Maçonaria em 1777, graças a Adolfo von Knigge, Barão de Knigge, maçom.

Na Maçonaria, **os Iluminados representariam a esquerda**, a se ter em conta as reações da Maçonaria aos Iluminados de Weishaupt e de Avignon.

A Loja "Três Globos", loja-mãe da Prússia, chegou ao ponto de indicar às demais lojas **a expulsão de todos os maçons que aderissem aos princípios do Iluminismo**, proibindo aos seus membros que frequentassem as lojas de Weishaupt.

O fato histórico, contudo, é que, através do Barão de Knigge, Weishaupt entrou na Maçonaria, tendo sido iniciado em 1777 na Loja Teodora do Bom Conselho, mesmo que, depois, a Maçonaria reagisse contra as idéias dos Iluminados de Weishaupt.

Os pontos de identidade não estão apenas na iniciação de Weishaupt na Maçonaria, como na própria organização dos Iluminados. Como noticia Pichon, havia uma sucessão de treze graus, repartidos em quatro seções:

"(..) o "Viveiro" (Pépinière), a Maçonaria Simbólica, a Maçonaria Escocesa e os Mistérios: Padre, Regente, Mago e Rei. Ao padre, mestre do Batismo, é revelado o mistério do Amor universal a que chegarão um dia os patriotismos existentes; ao Regente, mestre do Segredo (terrestre), o mistério da Criação, cujos poderes estão todos contidos no espírito do homem; ao Mago, mestre das Formas, o mistério dos Símbolos e o panteísmo universal; ao Rei, o mistério profundo da Hierarquia, isto é, a futilidade de todas as distinções sociais, porque o mestre do homem é o próprio homem quando se deixa habitar e se nutrir pelo Espírito."

Como se vê, a ligação entre Maçonaria e a Ordem dos Iluminados era de duas mãos.

Em 1784, a Ordem dos Iluminados foi proibida na Baviera, tendo Weishaupt se refugiado no principado de Saxônia-Gotha, onde foi recebido entusiasticamente, sendo nomeado conselheiro particular do príncipe. Tenório d'Albuquerque insinua a existência, ainda hoje, de um grupo que manteria a Ordem dos Iluminados em funcionamento.

1789/99 Revolução Francesa

Revolução social e política que acontece na França de 1789 a 1799.

A burguesia detém o poder econômico, mas perde as disputas políticas para o clero e a nobreza, que se aliam nas votações - um voto para cada Estado. Estimulada pelos ideais do iluminismo, revolta-se contra a dominação da minoria.

Em agosto de 1789, a Constituinte abole os direitos feudais ainda existentes e aprova a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

Sob o lema "Liberdade, Igualdade, Fraternidade", a burguesia revolta-se contra a monarquia absolutista e, com o apoio popular, toma o poder, instaurando a I República - chamada Mariana.

No início da Revolução, as classes sociais dominantes, nas Lojas do Grande Oriente da França, eram a alta burguesia e a aristocracia, havendo uma presença menor de clérigos. Um levantamento feito pelo escritor Estevão de Rezende Martins (Quem fez a Revolução Francesa - Rev. Humanidades, 1981, vol.7, nº 2, p 168) mostra que havia **200 deputados Maçons**, nos Estados Gerais, em maio de 1789, e destes *79 eram nobres* e os *121 restantes estavam divididos entre o clero e a alta e média burguesia*, portanto o mais maçônico

dos Estados era o Primeiro Estado, justamente o formado pelos inimigos da revolução.

Em setembro de 1791 é finalizada a Constituição, que conserva a Monarquia, mas institui a divisão do poder (Executivo, Legislativo e Judiciário), proclama a igualdade civil e confisca os bens da Igreja.

Os revolucionários acabam com os privilégios da nobreza e do clero e livram-se das instituições feudais do Antigo Regime.

Nenhum proeminente revolucionário era Maçom, embora quase todos Maçons fossem burgueses, já que lordes eram poucos. Da plebe não tinha ninguém. Não eram Maçons: Robespierre, Marat, Carnot, Danton, Condorcet, David (Jean-Luis), Saint-Just, nem mesmo Mamoro (Antoine-François) um dos principais editores de imprensa do período revolucionário e que, em 1791, cunhou a expressão LIBERTÉ, ÉGUALITÉ, FRATERNITÉ e a fez escrever nos edifícios públicos. Também não era Maçom o libertino Mirabeau, preso várias vezes e eleito deputado do Terceiro estado para os Estados Gerais e que também era grande orador e fundador dos primeiros jornais revolucionários.

Todavia, era Maçom ORLÉANS (Louis-Philippe Joseph), duque, príncipe de sangue, Grão-Mestre da Maçonaria que, eleito para a Constituinte e para a Convenção, pertencente à bancada da Montanha e votou pela morte do rei, seu primo. Terminou preso e condenado por pertencer à família Bourbon; foi guilhotinado a 6 de novembro de 1793.

Pode-se querer alegar que a Revolução Francesa foi inspirada nos ideais de Voltaire, mas este iniciou-se na Maçonaria em 7 de abril de 1778, aos 84 anos de idade, e morreu a 30 de maio do mesmo ano, lamentando tê-la conhecido tão tarde e afirmando que os Maçons e os filósofos buscam o mesmo fim.

1792 - Inconfidência Mineira

A influência Iluminista no Brasil começa a ser despertada por muitos que vinham do exterior de volta para o Brasil (particularmente Coimbra e Montpellier).

Não é de se estranhar que na Inconfidência Mineira encontraremos duas constantes: a presença de formados na Universidade de Coimbra e maçons.

Mais ainda: a articulação do movimento mineiro com os movimentos internacionais.

Além da conhecida carta de um maçom inconfidente (José Joaquim da Maia, formado em Montpellier, já citado anteriormente) a Jefferson, através de Franklin (maçom), temos José Álvares Maciel, formado em Coimbra, onde fizera parte do Clube Maçônico, indo a Montpellier e Londres, fazendo conexões.

É o que depararia nos "Autos da Devassa".

Há muita controvérsia sobre a condição de serem ou não maçons alguns do Inconfidentes incluindo o próprio Tiradentes mas não há realmente provas documentais para ratificar tais posições a par de sugerirem essa condição.

1815 - A Alemanha e as Deutsche Burschenschaft

À aproximadamente dois séculos atrás, em 1815, nascia em Jena a Burschenschaft, um revolucionário movimento pela liberdade e unidade da nação germânica. Contra o estado feudal, pela liberdade de expressão, e participação do cidadão na vida política.

Em 1815, a Burschenschaft tinha apenas 200 membros. Hoje a Deutsche Burschenschaft é uma federação de cerca de 15.000 jovens e antigos membros em mais de 120 fraternidades na República Federativa da Alemanha, na República da Áustria e Suíça. Burschenschaften são fraternidades cujas comunidades ficam por toda a vida. Elas se caracterizam pela união de jovens estudantes e os chamados "Alte Herren"("old boys"), membros ativos trabalhando depois dos estudos.

Ser um membro da Burschenschaft é mais do que simplesmente juntar-se a um clube. Acima de tudo, significa a obrigação voluntária de suportar ajuda não material que se apresenta pela divisa da sociedade - honra, liberdade e patriotismo.

1827 - O Brasil e a Fundação da Faculdade de Direito

Em 1827, *poucos anos após a proclamação da Independência do Brasil*, foi criada a Academia de Direito de São Paulo, como instituição-chave para o desenvolvimento da Nação. Era pilar fundamental do Império, pois se destinava a formar governantes e administradores públicos capazes de estruturar e conduzir o país recém-emancipado. Tais desígnios não demoraram a se realizar e a presença dos bacharéis logo se fez sentir em todos os níveis da vida pública nacional, tanto nos quadros judiciários e legislativos como nos executivos.

Da Faculdade de Direito, de seus estudantes ou de seus egressos, partiram os principais movimentos políticos da História do Brasil, desde o Abolicionismo de Joaquim Nabuco, Pimenta Bueno e Perdigão Malheiro e do Movimento Republicano de Prudente de Moraes, Campos Salles e Bernardino de Campos até mais recentemente a campanha das Diretas Já de Ulysses Guimarães e Franco Montoro, também dois ex-alunos. Ao longo do tempo, dela emergiram nove Presidentes da República, vários governadores, prefeitos e outras incontáveis figuras de proa.

Na fervilhante vida cultural que a Faculdade de Direito introduziu na pequena São Paulo do Século XIX, foi também gestado um sem-número de periódicos, peças teatrais, obras literárias e poéticas, que representam fundamentos da vida intelectual nacional, condensados nas figuras de Álvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varela, poetas românticos cujos nomes, gravados em placas de mármore, há mais de um século encimam o portal de entrada da Faculdade.

1830 - Líbero Badaró

Giovanni Battista Libero Badarò (Laigueglia, 1798 — São Paulo, 21 de novembro de 1830) foi jornalista, político e médico italiano radicado no Brasil.

Badaró possuía grande e primorosa cultura, adquirida nas Universidades de Turim e Pávia, onde formou-se em Medicina.

Em 1828 vem a radicar-se na cidade de São Paulo.

Defensor do liberalismo, seu assassinato acelerou o fim do Primeiro Reinado.

Escrevia no jornal O Observador Constitucional, surgido em 1829, impresso na tipografia do O Farol Paulistano.

Na noite de 20 de novembro, o jornalista foi interpelado por quatro alemães e, recebendo a carga de uma pistola, caiu mortalmente ferido.

O Observador Constitucional dedicou o seu número de 26 de novembro à morte de seu criador: "Morro defendendo a liberdade", disse ele em seus minutos finais.

A repercussão em São Paulo foi imediata. A seu enterro compareceram 5 mil pessoas e mais de 800 tochas foram acesas.

O assassinato de Libero Badarò tornou o ambiente mais propício aos exaltados.

1831 - O mito e a lenda sobre o Professor Julius Frank

Na Alemanha a Ordem dos Iluminados de Weishaupt contribuiu para formar e se prolongar na Burschenschaft. É um dos integrantes dessa sociedade secreta dos estudantes alemães, Karl Sand, quem mata Kotzebue, cônsul Geral da Rússia em Koenigsberg, influente junto ao Imperador Alexandre, fundador da "Semana Literária", em cujas páginas combatia as idéias democráticas, "as universidades, o desregramento dos estudantes e suas sociedades secretas."

Gustavo Barroso afirma ter sido Júlio Frank o mesmo Karl Sand que, condenado à morte, dela conseguira escapar, tendo outro sido morto em seu lugar, o que tornaria o inspirador da "Bucha" no Brasil não apenas, como afirma o autor "o homem que teve dois túmulos", mas, como Garibaldi, "um herói de dois mundos", para os partidários da idéias liberais.

Já Afonso Arinos de Melo Franco afirma ter sido Júlio Frank não o próprio Karl Sand, mas seu irmão, Luís Sand, referindo-se a "uma tradição da Burschenschaft brasileira."

Por outro lado, Sommer, Afonso Schmidt e Bandecchi afirmam ter sido Júlio Frank o nome real desta figura.

Alías, João Júlio Godofredo Luís Frank, nascido em 8 de dezembro de 1808, filho primogênito do encadernador de livros Carlos Frederico Frank e de sua esposa Carlota Frederica. Afonso Schmidt fala, ainda, ter sido filho adotivo do casal. Carlota Frederica, filha do chefe dos encadernadores do landgrave de Gotha teria adotado o menino, de origem nobre, trazido a ela pelas mãos, nada menos, nada mais, de Adam Weishaupt, o criador da Ordem dos Iluminados, que nesta corte se refugiara, como vimos. Chega mesmo, romanceando, a colocar estas palavras nos lábios de Júlio Frank:

"-Fui protegido desde o nascimento pelo fundador do Iluminismo, que, certamente, esperava em mim o advento de um apóstolo, quem sabe mesmo o continuador de sua obra, mas eu falhei..."

Gustavo Barroso também liga Frank a Weishaupt, embora não acolha nem Sommer, nem Schmidt, preferindo identificar Frank com Karl Sand.

Como se sabe, quando se trata de sociedades secretas, é extremamente difícil separar a lenda da verdade ou verificar quanto da verdade há na lenda, principalmente porque esta se presta a reforçar ainda mais o mistério que as envolve, isto é, sua própria motivação.

O fato comprovado é que Júlio Frank foi professor do Curso Anexo da Faculdade de Direito e que chegou ao Brasil provavelmente em janeiro de 1828 vindo da Alemanha onde nasceu e pertenceu a uma das fraternidades da Burschenschaft.

Aparentemente chegou a São Paulo vindo de Sorocaba sob a proteção de Rafael Tobias de Aguiar, Presidente da Província entre 1831-1835.

Elaborou sob encomenda uma História Universal e foi contratado como Professor de História e Geografia por 10 anos para lecionar no Curso Anexo da Faculdade de Direito. Segundo algumas fontes foi o fundador da Bucha em conjunto e com o apoio do **Visconde do Uruguai** aproximadamente em 1831. Outras fontes acreditam que a fundação da Bucha seja de 1834 quando então teria sido efetivamente contratado como professor do Curso Anexo.

1834 – Uma data provável para a fundação da Bucha

A Burschenschaft “Paulista”, ou simplesmente como é melhor conhecida entre os estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, a Bucha foi fundada pelo professor alemão Julius Frank, cujo túmulo ainda se encontra nas Arcadas.

Essa organização foi muito influente no séc. XIX e começo do séc. XX, tendo dela participado futuros políticos, jornalistas e outras personalidades da República Velha.

Após a década de 1930, com o governo Getúlio Vargas, perdeu grande parte de sua força.

"Os que estiverem na Academia continuarão a obra de assistência; os que terminarem o curso terão nela uma sociedade de ex-alunos, tão útil, e se auxiliarão mutuamente através do tempo. E, ainda mais tarde, se quiser, poderá governar o país..."

Estas palavras, colocadas por Afonso Schmit na boca de Julius Frank, traduzem finalidades que a Burschenschaft (ou, resumidamente, como passou a ser chamada pelos acadêmicos: a "Bucha") parece ter realizado a contento.

Eram os objetivos da Bucha: a filantropia, a política através de um espírito liberal e a propagação de idéias republicanas e abolicionistas.

Os membros eram escolhidos entre os acadêmicos que revelassem firmeza de caráter, espírito filantrópico e amor a liberdade e aos estudos. Os futuros membros da sociedade eram observados, estudados e só depois de terem a competente aprovação eram convidados.

A Comunhão Geral da Bucha ficava sob a chefia do Chaveiro que possuía um Conselho de Apóstolos e acima deste um Conselho (ou Colégio) dos Invisíveis, que era composto provavelmente por membros já formados levado assim ao prolongamento da Bucha extramuros, isto é, para fora da Faculdade.

Pertenceram à "Bucha" os nomes mais importantes do Império e da República, além, obviamente, dos mais representativos lentes da Academia Paulista:

Paulino José Soares de Souza (Visconde do Uruguai), Pimenta Bueno, Manuel Alves Alvim, Joaquim José Pacheco, Ildefonso Xavier Ferreira, Vicente Pires da Motta, Antonio Augusto de Queiroga, Antonio Joaquim Ribas, Mariano Rodrigues da Silva e Melo, Alexandrino dos Passos Ourique (entre os fundadores e primeiros membros da Associação).

Depois, não por ordem cronológica:

Rui Barbosa, Barão do Rio Branco, Afonso Pena, Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves, Wenceslau Brás, Visconde de Ouro Preto, Visconde do Rio Branco, Pinheiro Machado, Assis Brasil, Francisco Otaviano, João Pinheiro, Afrânio de Melo Franco, Pedro Lessa, Bernardino de Campos, Américo Brasiliense, David Campista, Washington Luiz, Altino Arantes, Frederico Vergueiro Steidel, Júlio Mesquita Filho, Cândido Mota, Bias Fortes,

Paulo Nogueira Filho, José Carlos de Macedo Soares, César Vergueiro, Henrique Bayma, Spencer Vampré, Sebastião Soares de Faria, Antonio Carlos de Abreu Sodré, Francisco Morato, Waldemar Ferreira, Alcides Vidigal, Rafael Sampaio de Rezende, Arthur Bernardes, Abelardo Vergueiro César, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Fagundes Varela, José Tomás Pinto de Cerqueira.

Dos presidentes civis da República Velha, apenas Epiácio Pessoa, como afirma Carlos Lacerda, não foi da "Bucha". E acrescenta: "Todos os demais passaram pela 'Burschenfat' (sic). E o fenômeno não tem nada demais, é o mesmo fenômeno da Maçonaria: uma sociedade secreta em que os sujeitos confiavam nos companheiros, vamos falar assim 'da mesma classe', que passam pelas faculdades, futuras elites dirigentes. Um dia, um sobe e chama o outro para ser governador, para ser secretário, para ser ministro e assim por diante." (Carlos Lacerda, Depoimento, Jornal da Tarde, 28/5/77)

1841 – Morre Julius Frank

Em 1941 morre Julius Frank e como era protestante proibiram que o sepultassem no Cemitério da Consolação restando o Cemitério dos Enforcados ou dos Aflitos onde seus alunos se negaram a fazê-lo pois era utilizado apenas para enterrar indigentes e bandidos. Assim foi enterrado dentro da própria faculdade de Direito onde posteriormente foi erigido um túmulo principalmente com o apoio dos irmãos Joaquim e Júlio Moura Lacerda em sua homenagem, que lá se encontra até hoje.

1850 - A Bucha e a Maçonaria

Brasil Bandecchi, bem como Gustavo Barroso, Jamil Almansur Haddad, entre outros, apontam as ligações da Burschenschaft com a Maçonaria, chegando Bandecchi a relacionar nomes comuns às duas.

Dentre eles, menciona:

Clemente Falcão de Souza Filho (Falcão Filho), Frederico Abranches, Martim Francisco Ribeiro de Andrada III, Clementino de Souza e Castro, Prudente de Moraes, Américo Brasiliense, Joaquim Almeida Leite de Moraes, José Eduardo Macedo Soares, Bernardino de Campos, Campos Sales, Ubaldino do Amaral, Rangel Pestana, Carlos Reis, Américo de Campos, Quirino dos Santos, Antonio Bento, Almeida Nogueira, Francisco Glicério, Pedro de Toledo, Carlos de Campos, Fausto Ferraz, Armando Prado, Marrey Júnior, Mario Tavares, Fontes Júnior, Júlio Prestes, Ataliba Leonel, Gabriel Rocha, J.A Gomide.

Afonso Arinos de Melo Franco, Gustavo Barroso e Brasil Bandecchi afirmam ser o "chefe supremo da "Bucha"" o Chaveiro, sendo que Oswald de Andrade diz textualmente da "Bucha" que é "sociedade secreta da Faculdade de Direito que dirige os destinos políticos e financeiros de São Paulo e cuja chave é a Festa da Chave." E a Chave não saia da Academia !!!

As ligações e orientações da Bucha

Uma coisa pelo menos é segura, acolhida por todos que trataram da questão, reafirmada pela própria orientação da "Bucha": sua ligação com a Burschenschaft alemã e com a Ordem dos Iluminados de Weishaupt.

Já vimos, anteriormente, as ligações dos Iluminados da Baviera com a Maçonaria. O mesmo ocorreria no Brasil, conforme o prova as relações fornecidas por Bandecchi.

Jamil Almansur Haddad, em sua tese de doutoramento, merecedora de reedição, liga as duas sociedades através do conceito mais geral de romantismo, fazendo coincidir o romantismo político com o romantismo literário, a Burschenschaft e a Maçonaria.

"(..) não se pode separar o Romantismo político do Romantismo literário. O intelectual do tempo, politicamente era liberal, associativamente era maçom, e, literariamente, fazia sonetos à liberdade...liberdade, tema romântico-maçônico da literatura.

Aponta, ainda, as ligações de Álvares de Azevedo com a "Bucha", e com a Maçonaria. E quanto a Castro Alves, já vimos o que ocorreu em sua estada nas Arcadas. Nossa opinião é a de que a interpretação de Almansur Haddad é muito explicativa, fazendo unir-se, na tradição, poetas e políticos, boêmios e estudantes aplicados.

Quanto às relações da "Bucha" com a Maçonaria, é interessante notar que, simultaneamente com esta, surge loja maçônica, a Loja Amizade, segunda da Província, composta na maioria por pessoas ligadas à Academia paulista e também à "Bucha", como Bernardino José Queiroga.

E quanto à orientação política da "Bucha", todas as fontes são conformes em dizê-la republicana, anti-monárquica, liberal exaltada, democrata. E se partilhasse das idéias de Weishaupt...muito mais.

Gustavo Barroso diz explicitamente:

"O iluminismo bucheiro, vindo da Baviera, estendeu-se de São Paulo para a Academia de Olinda e para outros estabelecimentos de ensino. A Burschenschaft paulista foi inteiramente modelada segundo os estatutos de sua congênera alemã do mesmo nome, formando suas idéias primordiais "um novo evangelho do iluminismo". Esse novo evangelho se afirma anti-monárquico desde os primeiros dias de vida da Faculdade paulista, não só nos estudantes, como o notou o Visconde de Araxá, como nos professores que os guiavam e cujo espírito neles se refletia. A 12 de outubro de 1830, quando se devia comemorar o aniversário do Imperador com uma sessão solene e discurso, sob os mais diversos e fúteis pretextos, os lentes se excusaram. Alguns mesmo com certo desabrimento. Afirma-se anti-católico, anti-clerical."

É interessante a menção, acolhida por outros, entre os quais Almansur Haddad, de sociedade secreta de igual jaez em Olinda/Recife, a Tugendund. Da mesma forma, noticiam a existência de outras, a Landsmannschaft nas Escolas Politécnica de São Paulo e do Rio de Janeiro, a Jugendschaft na Escola Paulista de Medicina. A da Poli de São Paulo foi presidida por Francisco de Paula Sousa, depois por Ramos de Azevedo e por Rodolfo Santiago. A da Medicina, por Arnaldo Vieira de Carvalho.

Os autores, porém, são unânimes em afirmar-lhes a origem comum, como desdobramento, mesmo réplicas, da Burschenschaft.

Gustavo Barroso chama a atenção para os nomes alemães: "Quando ela se espalha, com o tempo, da Academia de Direito de São Paulo, onde teve o berço, para outras escolas superiores, sempre se arreia com nomes alemães" e aponta a semelhança de tais nomes com outras sociedades secretas de estudantes da Alemanha, todas ligadas a uma origem comum, o Iluminismo.

Carlos Lacerda, em seu depoimento, embora reafirmando uma origem liberal à "Bucha", indica transformações neste ideário:

"Os bucheiros tinham um ideal liberal, basicamente liberal, que depois tomou aqui, ali, certa feição conservadora. Quer dizer, na medida em que certos elementos conservadores foram predominando...Por exemplo, Liga Nacionalista, fundada entre outros pelo Julinho. Foi uma entidade criada dentro da 'Burschenfat' (sic). Me prometeram mostrar um discurso pronunciado pelo Rui Barbosa numa reunião secreta da 'Burschenfat' (sic) na qual ele aceita a candidatura pela campanha civilista. A 'Burschenfat' (sic), em última análise, foi, também, quem fez a campanha civilista. Há uns detalhes curiosos nisso. São realmente fascinantes, muita coisa resta provar e muita coisa talvez nunca se consiga provar. Mas você vê, por exemplo, o 'Estado de São Paulo', o jornal que nunca poupou ninguém que tenha colaborado com Getúlio. Sempre poupou dois homens que colaboram com Getúlio várias vezes no Ministério: Vicente Ráo e José Carlos Macedo Soares. Ora, amizade só?" (Jornal da Tarde, 28/5/77)

Segundo alguns autores, estas questões parecem indicar que a "Bucha" se preocuparia muito menos com os valores políticos de seus membros do que com a solidariedade para com eles, a despeito das posições assumidas. Ou, o que lhes parece mais plausível, estaríamos perante o mesmo fenômeno ocorrido com a Maçonaria que, a princípio, revolucionária, o partido da burguesia, tornar-se-ia, nas palavras de Gramsci, comparável ao Rotary Club.

1889 – A Proclamação da República

"A partir de hoje, 15 de novembro de 1889, o Brasil entra em nova fase, pois pode-se considerar finda a Monarquia, passando a regime francamente democrático com todas as conseqüências da Liberdade – Assim iniciava o editorial da Gazeta da Tarde, da edição de 15 de novembro de 1889.

A implantação de um Estado Republicano foi, sem dúvida, o fato histórico mais importante de nosso País e teve como líderes e idealizadores deste movimento, Maçons ilustres que hoje estão nos nossos livros de História, tais como Marechal Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant, Ruy Barbosa, Campos Salles, Quintino Bocayuva, Prudente de Moraes, Silva Jardim e outros mais.

A idéia republicana é antiga no Brasil; nós a vemos na Guerra dos Mascates (1710), na Inconfidência Mineira (1788), na Revolução Pernambucana (1817), na Confederação do Equador (1824), na Sabinada (1837) e na Revolução Farroupilha (1835-1845).

O Império Brasileiro estava desgastado e vagarosamente ruía-se. Iniciou a sua queda em 1870, após a Guerra do Paraguai, onde, mesmo o Brasil saindo vitorioso daquela campanha, o Exército, seu principal agente, não foi devidamente valorizado, causando sérios descontentamentos. A igreja, por sua vez queria a liberdade, pois, encontrava-se submetida ao padroado Imperial.

Mas o fato principal, que fez com que o Império perdesse a sua sustentação, foram as leis antiescravistas, defendidas fervorosamente nas Lojas Maçônicas Brasileiras. Leis como a do Ventre Livre (1871), dos Sexagenários (1885) e finalmente a Lei Áurea (1888).

Atentos a todos estes fatos, a Maçonaria, através de várias Lojas como a Vigilância e Fé, de São Borja – RS, Loja Independência e Regeneração III, ambas de Campinas - SP, aprovaram um manifesto contrário ao advento do Terceiro Reinado e enviaram a todas as Lojas Maçônicas do Brasil, para que

tomassem conhecimento e que apoiassem esta causa. Mais uma vez a Maçonaria estava à frente para liderar um Movimento Democrático.

Em 10 de novembro de 1889, em uma reunião na casa do Irmão Maçom Benjamin Constant, onde compareceram os Irmãos Maçons Francisco Glicério e Campos Salles, que decidiram pela queda do Império. Benjamin Constant foi incumbido de persuadir o Marechal Deodoro da Fonseca, já que este era muito afeiçoado ao Imperador. Por fim, Deodoro assumiu o comando do movimento e Proclamou a 15 de Novembro de 1889, a República no Brasil.

1903 - Fundação do XI de Agosto

O caminho que culminou com a criação do CA XI de Agosto, instituído em 1903 para representar a integralidade dos discentes da Academia, é perpassado por diversas manifestações estudantis que evidenciaram a criação de uma entidade nos moldes do “XI”.

Desde 1833 sociedades acadêmicas vinham sendo criadas como por exemplo a Sociedade Filomática, ou seja, “amiga das ciências”.

Diversas outras sociedades literárias e políticas proliferaram em São Paulo naquele século XIX que foram o germe da criação do XI de Agosto.

Acredita-se que é provável que a própria Bucha tenha sido uma das principais articuladoras para fundação do XI de Agosto com fins obviamente políticos tanto que um de seus fundadores e 3o. Presidente (1905/6) tenha sido Antonio Carlos Macedo de Soares figura também sempre presente nas listas de pertencentes a Bucha.

Dessa forma aparentemente a Bucha dominou completamente o Onze até 1919.

1917 – A Liga Nacionalista

Entre 1914 e 1916 Olavo Bilac veio a São Paulo pregar uma das maiores campanhas cívicas que já tivemos ...

Para Vergueiro Steidel esse foi o motivo para iniciar sua grande obra de arregimentar a mocidade estudiosa num movimento amplo, patriótico, humanitário e de pregação liberal.

Contando com a mocidade das 3 principais escolas de São Paulo criou em 1917 a Liga Nacionalista.

Sua direção era constituída por membros das referidas faculdades

Frederico Vergueiro Steidel, Presidente; Paula Souza, 1o.Vice, Arnaldo Vieira de Carvalho, 2o. Vice; José Carlos de Macedo Soares, Tesoureiro; Abelardo Vergueiro César, secretário e então estudante de Direito.

Formavam o Conselho Deliberativo: Gama Cerqueira, Laerte Assunção, Arquimedes Pereira Guimarães, Clóvis Ribeiro, Plínio Barreto, Ernesto de Souza Campos, Frederico Alves dos Santos, Antonio Sampaio Dória e Tomás Lessa.

Ainda integravam a Liga: Roberto Moreira, Waldemar Ferreira, Henrique Bayma, Joaquim Sampaio Vidal, Afonso Pais de Barros, Júlio de Mesquita filho, Henrique neves Lefrève, Francisco Mesquita, Francisco Malta Cardoso, José Cerqueira César Neto, José Alves Palma, Prudente de Moraes Neto e Cristiano Altenfelder Silva.

Em 1924 a Liga foi suspensa por Artur Bernardes face aos acontecimentos daquele ano e apesar das relações entre este e os integrantes da Liga.

1919 - O início do “racha” dentro da sociedade secreta mais poderosa do Brasil

No final da década de 1910, até meados da seguinte, surge na política acadêmica o que se conhece por "oposição".

Um dos pontos básicos desta oposição, que conquistaria o C.A em 1926, era a "independência da Faculdade de Direito", contra a ligação e, principalmente, interferência de políticos extramuros na política intramuros. Ou, poderíamos dizer, a predominância dos antigos alunos na política dos alunos. Note-se que, em nenhum momento, se nega a continuidade das gerações. Trata-se de dar o peso maior aos alunos, não para os antigos alunos.

Alpheu Caniço, pseudônimo do então acadêmico Paulo Duarte, nos ajuda a entender o pano de fundo do que acontecia:

"Ainda há pouco, quando foi decretado no Rio a prorrogação do estado de sítio, por iniciativa do pequeno núcleo que, na Faculdade, ainda guarda a sobrançeria de antanho, foi levantada a idéia de enviar um telegrama de protesto ao presidente da República. (..) Pois bem, reunido o Centro 'XI de Agosto'(..) o próprio presidente daquele grêmio combateu a idéia partida de um membro do situacionismo acadêmico e declarou depois, em particular, que os estudantes não poderiam enviar um telegrama de protesto porque o Centro devia favores ao Dr. Arthur Bernardes!"

E, no mesmo artigo:

"Uma subscrição aberta a favor do Centro.(...)vêm-se os nomes dos nossos mais eminentes políticos que, com alguns mil réis, compraram a passiva mudez dos estudantes de Direito de São Paulo, ante qualquer abuso que os nossos dirigentes continuem a praticar."

Arthur Bernardes, como vimos, pertencia à "Bucha", tendo Afonso Arinos reproduzido carta sua sobre assuntos internos da Sociedade. Após mencionar a subscrição, Alpheu Caniço/Paulo Duarte menciona a edição de livro de Altino Arantes financiado pelo Centro, ao que se opõe. Altino Arantes, outro membro da "Bucha". E, na direção do Centro, também corrente ligada à "Bucha".

A partir destas manifestações, provavelmente, é que Bandecchi afirma ter "iniciado em 1924 (..) um movimento contra a Burschenschaft, com o programa de arrebatá-la dos bucheiros a direção do Centro Acadêmico XI de Agosto (..) Dentre os que combatiam a "Bucha", em 1924, estava o irreverente Paulo Duarte, que escrevia sob o pseudônimo de Alfeu Caniço. Ele, pelo que se vê, não integrava a "Bucha", mas pertenceu à Maçonaria."

É conhecido o fato de ter Rui Barbosa reconhecido, declarado mesmo, suas ligações com a Maçonaria, mas jamais com a "Bucha". Qualquer semelhança é mera coincidência.

A maioria das fontes fala de uma bifurcação da "Bucha" na década de 20. Bandecchi dá a data de 1926 para o 'racha', partindo de acontecimentos extramuros. A data coincide com a da formação do Partido Democrático, continuação da Liga Nacionalista, que já mencionamos. Brasil Bandecchi aponta a ligação entre o PD e "bucheiros":

"A ata de fundação trás, entre outras, as seguintes assinaturas, além da do Conselheiro Antonio Prado, Prudente de Moraes Neto, Paulo Nogueira Filho,

Henrique Neves Lefèvre, José Adriano Marrey Júnior, Joaquim Sampaio Vidal, Tomás Lessa, Vergueiro Steidel e Francisco Morato.

De onde se conclui que parte da Burschenschaft esteve presente na fundação da Liga Nacionalista e desta, com sua extinção por decreto federal, viria surgir o Partido Democrático. Basta comparar a relação dos seus membros e a grande presença de Frederico Vergueiro Steidel.

Os que não acompanharam o velho conselheiro ficaram no Partido Republicano Paulista: César de Lacerda Vergueiro, Sílvio de Campos, Carlos de Campos, Pedro de Toledo, Washington Luís, Altino Arantes, Júlio Prestes, Fontes Júnior, Mário Tavares, Cyrillo Júnior, Alfredo Ellis Jr."

Afonso Arinos também aponta a presença da "Bucha" na formação do PD:

"A fundação do Partido Democrático de São Paulo, tendo como figura de proa o Conselheiro Antonio Prado e como elementos atuantes antigos bacharéis do Largo de São Francisco, é obra da Burschenschaft, em grande parte."

Esta, contudo, é a manifestação exterior do "racha". É importante que não nos esqueçamos de que a Chave ficava na Academia, que o templo era a Academia.

Se, como afirmava Oswald de Andrade, a Chave é a chave da "Bucha", será nesta simbologia que encontraremos as manifestações primeiras do "racha", intramuros. E, também, reencontraremos um discurso que já tivemos oportunidade de examinar.

Vimos como o programa da "oposição" se identificava em pontos fundamentais com os da Liga Nacionalista. Pois desta mesma Liga, esboço do futuro Partido Democrático, em que se encontrariam novamente tantos dos formados na São Francisco, era presidente Frederico Vergueiro Steidel, vice-presidente Rodolfo Santiago, da Poli e Arnaldo Vieira de Carvalho, da Medicina. No Grande Conselho, advogados, médicos, engenheiros. Nos cargos de secretários, estudantes. "No seu penúltimo ano de existência foram eles os seguintes: Antônio Gontijo de Carvalho (Direito); Artur da Nova (Poli), José Inácio Lobo (Medicina). Temais aí todas as "schaften".

É, visivelmente, o momento da renovação da tradição, no interior da Academia e no interior da "Bucha". E, pelo menos aparentemente, apesar das afirmações da "oposição", apesar das vinculações atribuídas à situação com o PRP, o iluminismo original, o liberalismo de origem, acaba se firmando. A "Bucha" e a Academia acabam se encontrando no Partido Democrático e, depois, na Revolução de 1932. Mas isso já é outra história. (96)

Se o que acontece com a "Bucha" é um elemento de coesão da coterie, o mesmo pode ser dito da Maçonaria. "Bucha", Maçonaria, Faculdade de Direito do Largo de São Francisco se disputam a honra de ter fornecido os quadros do Império e da República. E todas têm razão.

São instituições, todas elas, que dificilmente se pode dissociar. Todas com um mesmo princípio em comum: o liberalismo, o espírito societário, de apoio mútuo entre seus acólitos, apesar das diferenças circunstanciais.

E todos prolongando, no tempo, a mesma tradição, enfrentando "as trevas", o espírito "jesuíta". Já vimos como as três se imbricam na Questão Religiosa. Vimos, também, como a tradição se prolonga intramuros até os fins da Primeira República.

Muitos e muitos anos depois o mesmo sentimento seria expresso, nas palavras de um presidente do XI de Agosto: *"Não vivemos da tradição, nós a mantemos viva. A combatividade do XI de Agosto continua em pé. Estamos em luta permanente contra todos os instrumentos de exceção, pelas liberdades democráticas."*

Ora, o XI de Agosto é apenas uma das "tradições" da Academia, e não das mais antigas. Substitua-se na declaração acima o nome do Centro pelo da Faculdade e estaremos na presença do mesmo espírito que já descrevemos e analisamos.

1923/26 - Partido Democrático

A maioria das fontes fala de uma bifurcação da "Bucha" na década de 20.

Bandecchi dá a data de 1926 para o 'racha', partindo de acontecimentos extramuros. A data coincide com a da formação do Partido Democrático, continuação da Liga Nacionalista.

Brasil Bandecchi aponta a ligação entre o PD e "bucheiros":

"A ata de fundação trás, entre outras, as seguintes assinaturas, além da do Conselheiro Antonio Prado, Prudente de Moraes Neto, Paulo Nogueira Filho, Henrique Neves Lefèvre, José Adriano Marrey Júnior, Joaquim Sampaio Vidal, Tomás Lessa, Vergueiro Steidel e Francisco Morato.

De onde se conclui que parte da Burschenschaft esteve presente na fundação da Liga Nacionalista e desta, com sua extinção por decreto federal, viria surgir o Partido Democrático. Basta comparar a relação dos seus membros e a grande presença de Frederico Vergueiro Steidel.

Os que não acompanharam o velho conselheiro ficaram no Partido Republicano Paulista: César de Lacerda Vergueiro, Sílvio de Campos, Carlos de Campos, Pedro de Toledo, Washington Luís, Altino Arantes, Júlio Prestes, Fontes Júnior, Mário Tavares, Cyrillo Júnior, Alfredo Ellis Jr."

1930 - Golpe de Estado de Vargas

A eleição para escolha do sucessor do presidente Washington Luís, que governava desde 1926, estava marcada para 1 de março de 1930. A posse do sucessor de Washington Luís deveria ocorrer em 15 de novembro de 1930.

Assim, de acordo com esta "política do café-com-leite", Washington Luís deveria indicar o Presidente de Minas Gerais para seu sucessor.

Porém, no início de 1929, o presidente da República, Washington Luís, fluminense radicado em São Paulo desde a infância, já tendia a apoiar o presidente de São Paulo Júlio Prestes.

Os políticos de Minas Gerais ficaram insatisfeitos com a indicação de Júlio Prestes, pois esperavam que Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, presidente de seu estado, fosse o indicado, seguindo a tradição. Andrada ficaria conhecido como o "Arquiteto da Revolução de 1930".

Washington Luís tentou convencer os presidentes gaúcho e mineiro de desistirem dessa iniciativa. Em carta dirigida a Andrada, argumentava que dezessete estados apoiavam a candidatura oficial.

A eleição para a presidência da república foi realizada no dia 1º de março de 1930 e vencida por Júlio Prestes, com 1.091.709 votos contra apenas 742 797 dados a Getúlio - que, no entanto, obteve 100% dos votos do Rio Grande do Sul. Júlio Prestes foi eleito para governar de 1930 a 1934.

Houve acusações de fraude eleitoral, de ambas as partes, como sempre houvera, em todas as eleições brasileiras desde o império. A Aliança Liberal recusou-se a aceitar o resultado das urnas.

A partir daí, iniciou-se uma conspiração, com base no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais, com a intenção de não permitir que Júlio Prestes assumisse a presidência, o que deveria ocorrer em 15 de novembro.

No dia 26 de julho de 1930, João Pessoa, então presidente da Paraíba, foi assassinado por João Dantas, em Recife, por questões de ordem pessoal. Dantas, cuja família era inimiga política de João Pessoa, tivera seu escritório de advocacia saqueado.

Em 25 de setembro de 1930, foi determinado, pelo comando revolucionário, que a revolução começaria em 3 de outubro.

Washington Luís foi deposto apenas 22 dias antes do término de seu mandato presidencial que se encerraria em 15 de novembro de 1930.

Jornais que apoiavam o governo deposto foram destruídos (na época, se dizia: empastelados). Júlio Prestes, Washington Luís e vários outros próceres políticos da república velha foram presos e exilados.

Era o fim do domínio político da Bucha !!!

2007 - Conclusão ... E a Bucha, ainda existe ?

O último Presidente da República que foi ex-aluno da Faculdade de Direito e inclusive era maçom foi Jânio da Silva Quadros, eleito em 1961 ... teria ele sido da Bucha ?

Segundo artigo assinado pela jornalista Adriana Salles Gomes e publicado em 1985 no jornal "A Folha de São Paulo" sob o título "Os Secretas da São Francisco", após o início da Era Vargas em 1930 a Bucha teria "hibernado" até o final de seu governo em 1945 quando então com o retorno de oligarcas como Júlio de Mesquita Filho voltaram do exílio para reacender a chama da organização.

Em termos meramente especulativos a jornalista insinua que Julio de Mesquita ao retornar do exílio em 1945 ao jornal "O Estado de São Paulo" e com o apoio de sociedades conservadoras a Bucha teria se unido ao "capitalismo internacional" para desarticular os movimentos populistas que eles tanto temiam como o do "Petróleo é nosso".

Na sua análise a jornalista infere que a Bucha deixava de ser vanguarda e que ainda durante os governos militares a partir de 1964 ela teria ótimas relações com os chefes de estado e o governo através de seu suposto Chefe Supremo que seria o então advogado e Diretor do Citibank no Brasil, Trajano de Puppato Neto, ex-presidente da Sociedade dos Antigos Alunos da São Francisco, segundo ela a "face aparente da Bucha".

A época da reportagem, em 1985, concluía a repórter que o bucheiro mais famoso do momento seria o então Presidente da Comissão de Sistematização da Constituinte o Professor Afonso Arinos de Melo Franco, o que não deve condizer com a verdade pois este apesar de grande jurista, advogado e professor de História do Instituto Rio Branco, formou-se bacharel no Rio de Janeiro o que por si só demonstra que ele não poderia "nunca" pertencer a uma sociedade secreta que só admitia alunos da Faculdade de Direito de São Paulo, por princípio.

Tancredo Neves, José Sarney, Fernando Collor de Melo, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso, e o atual Presidente Luis Inácio Lula da Silva, nenhum deles era bacharel pela São Francisco.

Ministros, Secretários de Estado, Senadores e Deputados, Juizes e Advogados, Empresários e personalidade públicas, sobre ninguém hoje se especula que seja ou haja alguma Bucha.

O atual Ministro da Educação, Fernando Haddad foi Presidente do XI de Agosto na Gestão 1984/5 mas não acredito que ele tenha qualquer ligação com qualquer Bucha.

Seu amigo pessoal e Presidente da Radiobrás Eugênio Bucci, também ex-Presidente do XI Gestão 1983/4 não tem a menor chance de ser de nenhuma Bucha.

Marcelo Parada, bacharel e jornalista, atual VP da Rede Bandeirantes de Radio e TV não acredito que seja de qualquer Bucha mas seria mais provável do que os outros que fosse.

Rumores sempre existiram e ainda existem dentro das Arcadas de que a Bucha ainda existe e é atuante mas devo confessar de minha parte que se assim o é ela está “tão secreta atualmente” que ninguém pode provar sua existência.

Nem mesmo eu !!!

Sobre o Organizador

Gilberto CM Lopes foi iniciado na ARLS Jacques de Molay 2778 e é também filiado a ARLS Solidariedade e Progresso 3078 ambas subordinadas ao GOSP. Consultor de empresas e empresário do ramo de perfumes, é formado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas em 1982 mas estudou Direito no Largo de São Francisco entre 1981 e 1986 onde foi em 1985 Tesoureiro do XI de Agosto na gestão The Pravda II sob a presidência do atual Ministro da Educação Fernando Haddad.

Bibliografia

Júlio Frank e as Arcadas

Exposição organizada pela Comissão do Museu da Faculdade de Direito São Paulo 10 de agosto de 2006

A Bucha, A Maçonaria e o Espírito Liberal

Brasil Bandecchi 3ª. Edição Editora Parma Ltda

Ainda a Sombra de Júlio Frank

J. Nascimento Franco 2ª. Edição Editora Parma

Os Bacharéis na Política A Política dos Bacharéis

Teotonio Simões Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais (C. Política) Universidade de São Paulo Departamento de Ciências Sociais Área de Ciência Política São Paulo 1983 Orientador: Prof. Dr. Oliveiros S. Ferreira

O Romantismo Brasileiro e as Sociedades Secretas do Tempo

Jamil Almansur Haddad São Paulo 1945 Tese apresentada ao Concurso para a Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP

Aspectos Políticos do Convívio Acadêmico na Arcadas

(Reflexões sobre o papel da Burschenschaft – 1889/1930) Antonio Carlos Pizani Universidade Federal de São Carlos 1989

Os secretas da São Francisco

Reportagem de Adriana Salles Gomes em "A Folha de São Paulo" - 1985

Burschenschaft Research

<http://www.doew.at/english/right/corps/corps.html>

English information about the Deutsche Burschenschaft

<http://www.burschenschaft.de/index.htm>

Presidentes do XI de Agosto

Editado pelo centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo - Organizado por Armando Marcondes Machado Jr - 1990

Trajétoria Política e Jurídica de Rui Barbosa

Rejane M Moreira de A Magalhães em Palestra proferida Grande Oriente do estado do rio de Janeiro, palácio do Lavradio, a convite de Loja Maçônica Cayru nas comemorações do sesquicentenário de Rui Barbosa Rio de Janeiro 29.10.1999

500 Anos de Eleições

Luciano Laranjeiras

Evolução Histórico-Sociológica dos Partidos Políticos no Brasil Imperial

Carlos Dalmiro da Silva Soares Procurador do Estado de Santa Catarina em Monografia de Doutorado em Ciências Sociais da Universidad Del Museo Social Argentino sob orientação do Prof Dr Mario F Federich

A Maçonaria a Independência do Brasil

Irmão Fuad Haddad http://www.glesp.com.br/artigos/aprendiz/a_maconaria_e_a_independencia_do_Brasil.html

A Primeira Loja Maçônica no Brasil

Irmão Raimundo Rodrigues http://www.glesp.com.br/artigos/aprendiz/a_primeira_loja.html

Evolução Histórico-Sociológica dos Partidos Políticos no Brasil Imperial

Carlos Dalmiro da Silva Soares procurador do Estado de Santa Catarina

Monografia apresentada ao programa de Doutorado em Direito e Ciências Sociais da Universidad del Museo Social Argentino (UMSA) , como requisito parcial a obtenção da titulação, na disciplina Seminário de filosofia Política, sob a orientação do Prof. Mário F. Federich

Faculdade de Direito do Largo de São Francisco

<http://www.direito.usp.br/>

Gonçalves Ledo

Texto original extraído do Boletim do Grande Oriente do Brasil - 1922

Prancha 'Participação da Maçonaria na Proclamação da República no Brasil'

Rogério Vaz De Oliveira, M.'.M.'. ARLS Cavaleiros do Vale do Rio Negro - Oriente de Rio Negro – Paraná, Brasil

Iluminismo

Wikipédia, a enciclopédia livre.

Inconfidência Mineira

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

La Loge des Neufs Soeurs

Website Management © 1871-2007 Grand Lodge of British Columbia and Yukon A.F. & A.M. Updated: 2002/09/19
freemasonry.bcy.ca/texts/nine.html

Lista de Lojas em ordem cronológica

Pesquisa em diversas fontes

As 16 primeiras Lojas do Brasil

Segundo pesquisa do Ir.: Raimundo Rodrigues da ARLS Ponto no Espaço no. 279

Lista de Presidentes do Brasil

<http://www.suapesquisa.com/presidentesdobrasil/>

Loja Piratininga

Fonte: Piratininga História da Loja Maçônica Tradição de São Paulo Edição Comemorativa